



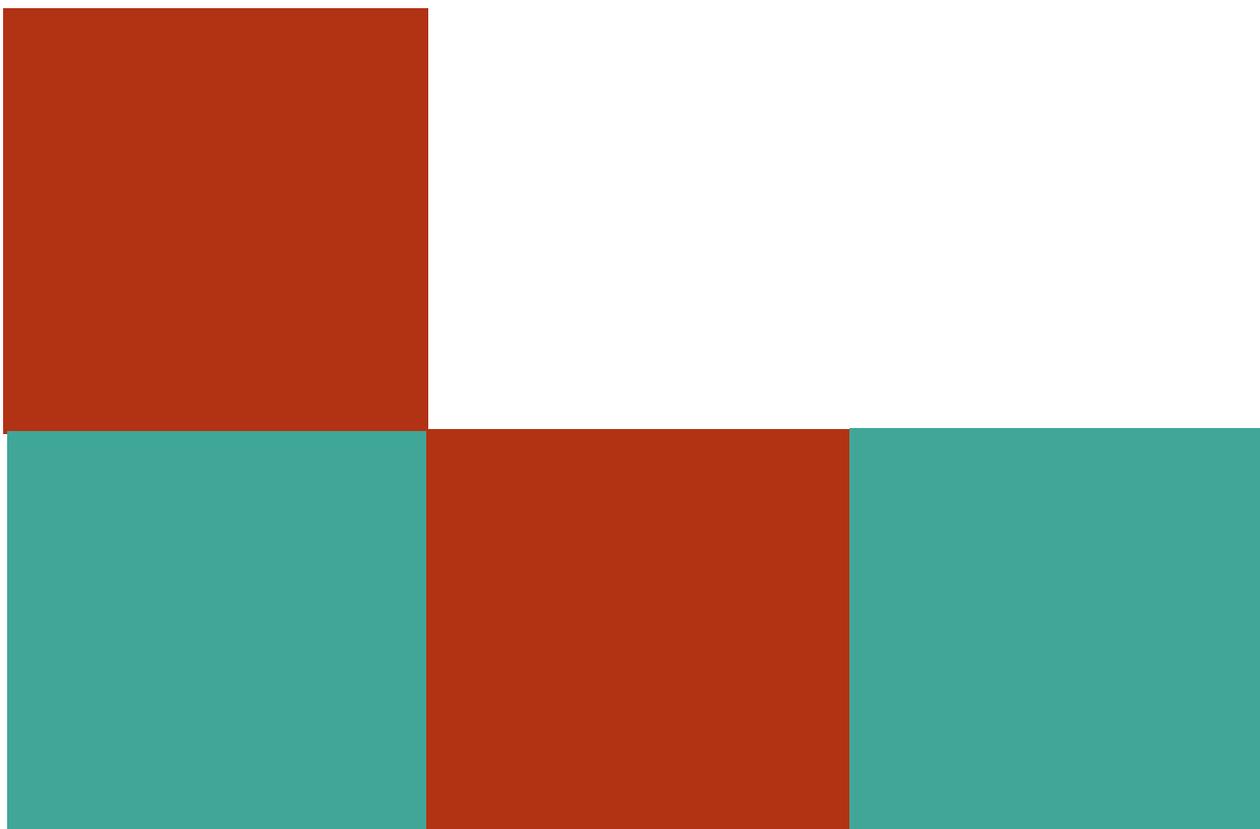
# **Tudo que parecia separado é inseparável: o que aprendemos com a pandemia do coronavírus**

Resenha

MORIN, Edgar. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. 2ª edição. Com colaboração de Sabah Abouessalam [Tradução de Ivone C. Benedetti] Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. 97 p. ISBN 978-85-28624-85-4

Elaine Cristina Ferreira Dias

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), IBICT-UFRJ*



Considerado um dos principais teóricos da complexidade, Edgar Morin é formado em História, Geografia e Direito, tendo estudado também Filosofia, Sociologia e Epistemologia. Nascido em Paris, completou um século de vida no ano de 2021 e publicou mais de 30 livros entre eles “Introdução ao Pensamento Complexo” (*Introduction à la pensée complexe*, 1990), “Os sete saberes necessários para a educação do futuro” (*Les Sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur*, 1999) e “O Método” (*La Méthode*, 1977-2004), uma coletânea de seis volumes.

Sua obra mais recente “É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus” (2021), foi escrito em colaboração com sua esposa, a socióloga e urbanista marroquina Sabah Abouessalam. Morin faz reflexões sobre a pandemia de Covid-19 e as combinações de crises políticas - sociais, econômicas e ecológicas - que serviram de pano de fundo para a atual crise global além de discutir os desafios pós-pandemia, tão preocupantes quanto a própria crise.

Na primeira parte do livro denominado “Preâmbulo – Cem anos de vicissitudes”, Morin compartilha suas vivências pessoais, desde seu nascimento em plena crise decorrente da gripe espanhola, considerada até então a última pandemia pela qual a sociedade passou no século XX. O autor resgata à crise mundial de 1929 e o impacto na sua vida quando ainda era criança; até a Segunda Guerra Mundial quando aderiu ao Partido Comunista, inclusive seu engajamento na Resistência Francesa contra à ocupação nazista. O autor discorre ainda sobre a crise intelectual dos anos 1956-1958, onde ele pode reavaliar suas ideias, se opondo então ao stalinismo, ocasionando a sua expulsão do partido.

Ainda nesta parte do livro, Morin continua tecendo comentários de sua experiência ao longo dos episódios da história moderna destacando a revolta estudantil de maio de 68 na França.

A consciência ecológica de Morin teve início com a leitura do relatório do professor Dennis L. Meadows do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) na década de 70, tornando-se um dos pioneiros na defesa de uma política ecológica para a proteção tanto dos ambientes naturais quanto dos ambientes humanos. Ao final deste relato

pessoal, o autor apresenta de modo provocativo uma conexão entre a crise da pandemia do novo coronavírus e a necessidade de uma consciência ecológica. Ele destaca que a crise atual reafirmou sua maneira de pensar e, portanto, dedica o livro ao despertar dessa consciência, onde devemos “esperar o inesperado, prever que o imprevisível aconteça” (MORIN, 2021, p. 19).

Após lembrar as crises passadas, Morin destaca que a crise oriunda com a pandemia de Covid-19 provocou mudanças de paradigmas, um processo longo e difícil que ocorre nos momentos de dor e caos, mas que nos faz refletir sobre novos caminhos e nossa relação com o mundo.

No primeiro capítulo são apresentadas 15 lições do coronavírus a saber: a experiência no isolamento e a nossa existência: as relações sociais e condição humana; as incertezas da vida e a relação do homem com a morte; o despertar da solidariedade e como lidar com a diversidade das situações; a desigualdade social no isolamento; a gestão da epidemia pelo mundo e as lições sobre a natureza de uma crise; o combate da pandemia com a ciência e a medicina; complexidades invisíveis gerando uma crise de inteligência e ação política; dependência nacional, deslocalizações e o proveito de mão de obra barata asiática e ainda lições sobre a crise da Europa e o impacto da globalização na crise do coronavírus.

Morin nos provoca a pensar acerca dos impactos e problemas gerados pela pandemia, sobre termos consciência do poder que estão em nossas mãos; a nossa fragilidade como seres humanos; e como a crise do coronavírus nos expôs a um cenário de incertezas e complexidade, “pois toda vida é uma aventura incerta...com o vírus e com as crises que se seguirão, provavelmente conheceremos mais incertezas...” (MORIN, 2021, p. 26).

O autor reflete ainda sobre o aumento da desigualdade social durante o isolamento e a epidemia que atingiu o mundo de forma desigual. Assim, para Morin, o compartilhamento de saberes e a formação de “oligarquias míopes e conservadoras” travaram o dinamismo e a cooperação na ciência. Segundo ele as insuficiências de

conhecimento e pensamento durante a crise demonstraram que precisamos de um outro modo de conhecimento para responder aos desafios de complexidades e incertezas.

Além do impacto no meio ambiente, a globalização provoca impactos negativos na autonomia econômica dos Estados e em sua soberania, gerando retrocessos que segundo o autor:

“...ficou claro que a globalização, por ser essencialmente tecnoeconômica, criara uma interdependência geral sem nenhuma solidariedade. E, quando a crise se globalizou, interdependência rompida deixou nações e povos com economias mutiladas numa dependência econômica e moral até então desconhecida” (MORIN, 2021, p. 41).

Para finalizar o capítulo inicial o autor faz uma reflexão sobre a crise do humanismo e nos faz pensar sobre “alterglobalização” combinada com “desglobalização”, principalmente, nos campos sanitário e alimentar.

No segundo capítulo “Desafios do pós-corona”, Morin traz os desafios existenciais pós pandemia, sobre o isolamento e a libertação em relação ao tempo e à vida agitada e sobrecarregada que tínhamos antes da pandemia e como os atos de solidariedade durante a pandemia correm o risco de serem esquecidos após esse período. O autor destaca a ameaça de uma crise política e crítica o neoliberalismo defendendo a necessidade de uma renovação política com a reforma do Estado. E, ainda critica a globalização e a perda de autonomia econômica dos Estados reforçando a necessidade de uma transição ecológica.

Em relação a crise da democracia em todo o mundo, Morin destaca a ocorrência da intensificação dos nacionalistas e xenófobos, com a crise econômica derivando ao “hipercapitalismo” e para a acentuada desigualdade social. Ao ressaltar as medidas restritivas de liberdade e vigilância durante a pandemia o autor releva desconfiança e certo temor com a continuidade dessas práticas pós pandemia. O uso de dispositivos de rastreamento de contágio de forma disseminada promove o controle e monitoramento dos indivíduos à detecção por algoritmos. Ou seja, os dispositivos digitais são

instrumentos de servidão e liberdade, onde a internet e as mídias sociais dão a sensação de livre expressão, mas também permitem o poder de vigilância sobre as pessoas.

Morin destaca vários retrocessos possíveis devido a pandemia. Retrocessos intelectuais e morais com as visões polarizadas, crescimento do ódio e das discriminações, retrocessos da democracia com a formação e generalização de um novo totalitarismo no mundo, inclusive na Europa, e retrocessos belicistas com a retomada de guerras, migrações de populações, rejeição à imigrantes e perseguições. Para o autor, faz se necessário refletir se o movimento de retrocesso continuará com a constituição de Estados “neautoritários” ou se as pessoas resistirão, buscando uma outra via, movidos pelo despertar da consciência devido a experiência vivida durante a pandemia do novo coronavírus.

A esperança da renovação com uma “Nova Via” é apresentada por Morin no terceiro e último capítulo do livro, destacando cinco políticas possíveis: nacional, civilizacional, de humanidade, da Terra e de um humanismo regenerado.

A política nacional regenerada refere-se as ações interdisciplinares que devem acontecer (ações do Estado, dos conselhos como de urbanismo e ecologia, dos cidadãos) e promover a soberania conjugado a globalização e a desglobalização. O Estado deixa de ser dependente daquilo que é vital para a nação e participa de forma contínua da interdependência solidária e de uma globalização humanizada. A experiência da França como uma nação formada a partir da diversidade de culturas é a referência utilizada por Morin ao rejeitar o “nacionalismo homogeneizador e o comunitarismo fechado”. Ele enfatiza ainda que a unidade e diversidade nacional precisam ser preservadas e valorizadas tornando urgente a reforma do Estado com a desburocratização.

O argumento do autor para tal posicionamento são a insuficiência e a “parasitação” dos ministérios do Estado durante a pandemia. Além da reforma do Estado Morin reforça a necessidade da reforma econômica, empresarial, democrática e social dentro desta nova política nacional, propondo a diminuição do poder das oligarquias econômicas que nas palavras de Morin “parasitam e paralisam o Estado”. O autor defende a concepção de uma democracia mais participativa com instauração de conselhos em

diferentes escalas, uma política ecológica e a reforma do pensamento reformador, acompanhados de uma “política de reeducação da educação” (MORIN, 2021, p. 68).

A política civilizacional refere-se as características negativas da civilização ocidental como o egocentrismo e enfraquecimento da solidariedade, a mercantilização exagerada, a mecanização da vida e o consumismo exagerado. Morin reforça a necessidade de qualidade de vida e o bem-estar no sentido existencial e não material com a política civilizacional tendendo a favorecer a expansão das relações entre as pessoas e contribuição da política da humanidade, constituindo uma “Via”.

Para a política da humanidade, Morin explica que é possível uma simbiose entre o que há de melhor na civilização ocidental e as contribuições de outras civilizações, onde uma política de humanidade daria a cada nação o senso de comunidade, mobilizando não só recursos materiais, mas também humanos. A política da terra é caracterizada por uma política da proteção do planeta, economia de água, implantação de energia limpa e tratamento de resíduos.

E, por fim, a política por um humanismo regenerado tem o papel de lembrar nosso “cordão umbilical” com a natureza, reconhecendo nossa especificidade cultural e intelectual, negando assim a divinização do homem. Morin pondera sobre os saberes interligados e a importância do conhecimento complexo para conceber problemas globais e a revitalização da ética com responsabilidade e solidariedade.

Pontuando características do humanismo regenerado, Morin liga a unidade à diversidade humana, destacando a singularidade do ser humano e incentiva a lógica entre “Eu e Nós”, o desenvolvimento pessoal e a integração numa comunidade. Assim, conclui que para sobreviver, a humanidade deve “metamorfosear-se”, buscar uma solidariedade planetária e não apenas na esfera nacional, devendo buscar despertar a comunhão entre os seres humanos. Ressalta os princípios de esperança, lembrando que todas as novas vias conhecidas na história foram inesperadas e que as múltiplas iniciativas dispersas poderiam alimentar vias reformadoras, podendo convergir a uma Nova Via. “Esperança não é ter certeza, traz consciência dos perigos e das ameaças, mas nos faz tomar partido e fazer apostas” (MORIN, 2021, p. 94).

Morin faz suas reflexões finais na conclusão do livro sobre o humanismo e o sentimento de comunhão e solidariedade entre as pessoas e ressalta que somos todos humanos mesmo sendo todos diferentes.

Diante de tantas provocações restam claras a abordagem transdisciplinar e humanista de Morin que traz o pensamento complexo como uma via indispensável para a compreensão dos atuais e novos desafios: não basta sobreviver ao coronavírus, é necessária uma mudança de Via. De certa forma, mesmo apresentando propostas que dependem de uma agenda política, Morin promove a participação da sociedade civil para refletir sobre essa nova Via, transformando as experiências vividas durante a pandemia com o aprendizado indispensável para a conviver de forma mais sustentável e solidária no planeta.